



Sorria, você está sendo filmado: Poder e Identidade na sociedade pós-moderna da vigilância. O caso Big Brother¹

Paulo Jefferson Pereira BARRETO²

Riverson RIOS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Ao propor a recontextualização dos conceitos teóricos de poder, discutidos a partir das analogias foucaultianas, uma análise das relações de poder no programa televisivo Big Brother, e uma nova apreensão das inter-relações criadas no seio da cultura pós-moderna, este artigo se esboça no sentido de lançar outras perspectivas sobre as formas e os dispositivos de vigilância e controle que se apresentam na dita era da informação. Trata-se de um estudo baseado em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdos televisivos que esboçam novas perspectivas para as redes de poder formadas na atualidade.

Palavras-chave: Poder; Identidade, Pós-modernidade; Vigilância e Cultura

Introdução

“A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado.” (Bauman, 2005)

Uma discussão presente nos principais debates acadêmicos da atualidade perpassa o campo da comunicação e da história moderna, refletindo diretamente nas relações sociais de poder e identificação na chamada pós-modernidade: a Era da Informação, como lembra bem Manuel Castells em sua obra “A Sociedade em Rede”, marcada pela profusão das novas tecnologias no âmbito das relações sociais, reconfigurou as dinâmicas culturais e a ação dos sujeitos, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo.

Em um mundo de fluxos globais (...) a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são, ou acreditam que são (CASTELLS, 2008, p. 41).

¹ Trabalho apresentado na DT 08 Interfaces Comunicacionais da Intercom – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: pj.jefferson@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho, professor doutor e Tutor do PET do Curso de Comunicação Social da UFC. Email: riverson@ufc.br.



No interior da sociedade “pós-moderna”, e aqui o uso das aspas reforça o fato de que a existência prática dessa pós-modernidade ainda não é consenso no meio acadêmico, surgem novas perspectivas para um processo de construção simbólica e cultural a partir do aparato tecnológico que faz parte não só do ambiente social, mas também da própria constituição dos indivíduos enquanto sujeitos sociais, dotados de identidades que nos situam historicamente, espacialmente e, sobretudo, simbolicamente. “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 1992, p.14).

A tecnologia, traço característico deste novo momento histórico que se apresenta como pós-moderno, potencializa a abrangência dos dispositivos de controle e coerção social, ao mesmo passo que permite uma fragmentação das redes de poder a nível global, moldando identidades e as tornando, ao mesmo tempo, fontes de onde se emana tal poder. “A identidade é uma das primeiras produções de poder, desse tipo de poder que conhecemos em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2009).

É nessa nova conjuntura que surgem intrínsecos processos sutis de dominação e a manifestação de um jogo entrelaçado de poder e vigilância, um tanto aos moldes do que afirmava Foucault. Isto vai transformar, ainda que superficialmente, o esquema de relações identitárias e de representação dos indivíduos pós-modernos diante da pluralidade e das contradições socioculturais características desta época. “Nas sociedades modernas, os poderes se exercem a partir do próprio jogo de heterogeneidade entre o um direito público da soberania e o mecanismo polimorfo das disciplinas” (FOUCAULT, 2009, p. 189).

É exatamente deste ponto em diante que o presente artigo empreende um novo olhar a partir das análises que faz sobre a relação entre poder e identidade, ou entre sujeito e vigilância no que se chama de período pós-moderno. A base teórica vem de estudos de textos e livros relacionados ao assunto e tendo como centro de análise a maneira como essa relação se apresenta no programa televisivo Big Brother Brasil.

O objetivo aqui, portanto, além de estabelecer novas perspectivas sobre poder e identidade no ambiente pós-moderno, é criar uma discussão sobre a forma como o tema se esboça e pode ser percebido por meio de um estudo a respeito da produção televisiva e a forma como o aparato de vigilância sobre seus participantes age construindo ou reformulando suas identidades, refletindo toda uma realidade social que marca o período pós-moderno.

A pesquisa se centrou nos estudos de Foucault destinados à apreciação dos processos de vigilância e controle, bem como nas análises de teóricos dos chamados Estudos Culturais, como Stuart Hall e Néstor Cancline, que analisam e produzem uma vasta gama de conteúdo sobre a pós-modernidade, o hibridismo cultural que a caracteriza e a emergência de sujeitos e identidades dissipadas, além de observações de fatos e situações do cotidiano que comprovam, de alguma forma, o que aqui se discute.

O trabalho está assim organizado. A primeira seção é um esboço das características da pós-modernidade e dos mecanismos de poder que dominam a sociedade atual. Na Seção 2, por sua vez, é mostrada a análise das observações feitas a partir do programa televisivo *Big Brother*. Por fim, chega-se à conclusão de como poder e identidade moldam os indivíduos, ora criando seres resistentes à dominação, ora forjando sujeitos aptos a vigiar e reprimir uns aos outros.

1. No limiar do pós-moderno: culturas plurais, identidades fragmentadas

Antes de iniciar qualquer discussão mais profunda a respeito do termo “Pós-modernidade”, é preciso levar em consideração a persistência de divergências nos estudos de alguns autores sobre a existência de fato do que se considera pós-moderno.

Enquanto muitos teóricos defendam a possibilidade real da existência de um ambiente que está além da modernidade, outros defendem a impossibilidade de algo pós-moderno, já que acreditam que todas as transformações percebidas nos novos tempos são apenas um desdobramento da era moderna, e não a consolidação de um momento inteiramente novo em relação a um período histórico anterior. Anthony Giddens, por exemplo, cita essas contradições em seu livro “As Consequências da Modernidade”.

Em vez de estarmos entrando num período de Pós-modernidade, estamos alcançando um período onde as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. (GIDDENS, 1991, p. 13)

A partir daí, o termo pós-modernidade estaria, portanto, muito mais ligado a um conceito, do que necessariamente a um fenômeno prático, de natureza concreta. Divergências à parte, entretanto, existe também um consenso entre muitos estudiosos da área em questão no tocante às inúmeras transformações ocorridas durante a passagem da era moderna para uma situação possivelmente pós-moderna.



Se, por um lado, o limiar que separa o moderno do pós-moderno ainda não se consolidou realmente, por outro, é inegável o fato de que todas as características sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas da sociedade atual são elementos absolutamente novos, com consequências diretas sobre os indivíduos e a forma como eles representam o mundo e a si mesmos e constroem suas redes de poder nesta nova etapa histórica do moderno, ou do pós-moderno.

O estudo empreendido por este artigo tende a considerar a existência de um período histórico novo e único, talvez não inteiramente pós-moderno, é verdade, mas dotado de circunstâncias e situações que ultrapassaram as fronteiras da modernidade e que forjaram uma era nunca antes presenciada. A intensidade dessas mudanças é citada por Stuart Hall (1992) em seus estudos sobre a Identidade na pós-modernidade.

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 1992, p. 9)

Diante de um cenário repleto de transformações, talvez o principal ponto, entre todos os desdobramentos que se estruturam nas sociedades pós-modernas, seja exatamente a enorme pluralidade de culturas que possibilitou a eliminação, ainda que parcialmente, das barreiras e dos limites de tempo e de espaço na atualidade.

Entendendo a cultura como processos de construção e de representações simbólicas, e não apenas como comportamentos socialmente estabelecidos, até pode-se afirmar, de alguma maneira, que sempre existiram ambientes culturais diferentes, independentemente das circunstâncias espaço-temporais de uma dada comunidade. No entanto, o que há de novo nessa perspectiva pós-moderna seriam justamente as condições que potencializam a convergência de culturas completamente divergentes.

O fenômeno da globalização, fato relativamente recente na história mundial, pode ser a maior expressão disso. Já nas últimas décadas do século passado, por exemplo, percebeu-se a insurgência de complexos processos de disseminação e integração cultural, e não apenas econômica e política, que forjaram, no âmago das sociedades atuais, um hibridismo sociocultural marcado pela mestiçagem de diferentes gêneros e aspectos de culturas muitas vezes distintas, separadas geograficamente, ou historicamente. Segundo Serge Gruzinsk:

Efeito da moda ou não, do Brasil a Paris, da Cidade do México a Londres, o fenômeno das misturas é incontestável (...) O fenômeno é a um só tempo banal e complexo. Banal porque o encontramos em escalas diversas ao longo de toda a história da humanidade e porque, hoje, ele é onipresente. Complexo, porque parece impalpável quando pretendemos ir além dos efeitos de moda de da retórica que o cercam (GRUZINSKI, 2001, P. 41-42).

Tal fenômeno modificou a percepção dos sujeitos a respeito de suas próprias culturas e identidades, promovendo a incorporação de elementos simbólicos advindos de outras realidades, muitas vezes bem distantes das circunstâncias culturais em que estão inseridos. Assim, “mais do que a localização, importam as redes. Mesmo sentado, o corpo atravessa fronteiras” (CANCLINI, 2008, p.44)

O advento das tecnologias, sobretudo das tecnologias de comunicação, serviram para aproximar as divergências e os indivíduos em “espaços de fluxos”, como afirma Manuel Castells (2008), mas espaços de fluxos onde as identidades, as ações dos sujeitos sociais e as redes de poder e vigilância estão cada vez mais conectadas entre si.

Essa interconexão, entretanto, não se opera apenas no âmbito das múltiplas culturas, pois atinge em cheio as relações interpessoais que permeiam as sociedades pós-modernas transnacionais. De fato, em uma época marcada pelo hibridismo sociocultural, também os sujeitos e os indivíduos são mestiços, frutos da mescla de representações simbólicas, plurais e fragmentadas. Carregam os traços do pós-moderno no cerne de suas existências enquanto construções sociais plurais.

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (HALL, 1992, p. 12)

Mesmo partindo do princípio de que sujeitos são constituídos a partir de indivíduos, é importante lembrar neste ponto que quando falamos em sujeitos sociais e indivíduos neste trabalho, estamos nos referindo a duas estruturas, que embora estejam integradas de alguma maneira, são distintas na ordem dos fenômenos culturais.

Quando se fala em sujeito, refere-se a uma construção histórica e social de representações simbólicas de identidades e, portanto, não a um organismo meramente biológico ou físico. Isso fica claro no argumento de Alain Touraine a respeito desta distinção e conceituação do termo “sujeito”:

Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da

vida individual (...) A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra a comunidade, e a dos indivíduos contra o mercado. (TOURAINÉ, 1995, p. 29-30)

O conceito de sujeito, desta forma, estaria diretamente relacionado ao de identidade, pois ambos dependeriam um do outro para existir, em uma relação de simbiose que absorve a enorme variedade de aspectos culturais da pós-modernidade, e que compartilha dessa variedade, criando lacunas na homogeneidade de segmentos culturais dos quais fazem parte e integrando o local e o global em um só espaço: o espaço social.

No ambiente pós-moderno, as identidades adquiriram múltiplas faces, fragmentando sujeitos e indivíduos, não mais vistos a partir de uma perspectiva unificada, deslocando as redes de poder e controle social e reduzindo as perspectivas de atuação do Estado nacional e da própria comunidade em tempos de transnacionalidade. Stuart Hall cita essas mudanças pelas quais a concepção de identidade vem passando na dita era pós-moderna.

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 1992, p. 7)

Tendo em vista a identidade como processo de incorporação de elementos através dos quais os indivíduos se constituem enquanto sujeitos e organizam suas representações diante de si mesmos, dos outros e do mundo que os cerca, este trabalho parte do princípio de que as contradições e as mudanças da realidade pós-moderna agem diretamente não apenas sobre seres isolados, mas sobre as identidades que eles constroem e tomam como partes de si.

É importante destacar aqui que o plural do termo “identidade” reforça a ideia de que hoje esses indivíduos não são mais meramente seres de identidade unilateral, mas seres capazes de assumir múltiplas representações. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se, mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 1992, p. 12)

Assim, em uma era cuja grande característica é a globalização de fluxos sociais, econômicos, políticos e comunicacionais, também as identidades entram no processo de desterritorialização e transnacionalidade imaterial. A internet, por exemplo, pode ser encarada como a maior expressão disso, já que molda novos espaços de



interação onde os indivíduos criam representações de si e dos outros a partir de trocas simbólicas em rede. Canclini dá ênfase a essas discussões em seus estudos sobre interatividade.

[...] a interatividade da internet desterritorializa. Conhecemos a facilidade dos internautas para socializar-se a partir de posições indefinidas, inclusive simuladas, inventando identidades. (CANCLINI, 2008, p. 52)

Para um mundo intimamente global, são necessários, portanto, sujeitos sociais e identidades também globais, capazes de atender às demandas de poder e significação cultural de uma pós-modernidade que lhes atribui um caráter também “pós”, ou seja, um caráter que vai além dos limites tradicionais de existência teórica desses conceitos. Hall cita esta questão em seus estudos:

[...] como nosso mundo pós-moderno, nós somos também “pós” qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade, algo que, desde o iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentador de nossa própria existência como sujeitos humanos. (HALL, 1992, p. 10)

Os espaços de fluxos, por onde circulam os indivíduos dotados de suas identidades, se transformaram não apenas em malhas de poder, ambientes de construção identitária, mas também em espaços de vigilância constante sobre os corpos, as identidades e os comportamentos dos outros e de nós mesmos, seja como sujeitos membros de uma sociedade pós-moderna, ou como usuários internautas conectados a uma rede globalizada.

Nesse âmbito, a construção social das identidades culturais presentes nos indivíduos modernos estaria fortemente vinculada aos processos internos de dominação e disciplinarização nas sociedades contemporâneas. Uma nova conjuntura se opera no interior do indivíduo pós-moderno: por ele passa poder, poder que transforma, para o bem ou para o mal, sua condição de sujeito social.

2. Nas malhas do poder: identidade sob controle, sociedade sob vigilância

Nas sociedades pós-modernas, o desenvolvimento tecnológico possibilitou a ampliação do alcance social de inúmeros dispositivos de controle e dominação. Assim como houve uma intensa globalização de aparatos políticos, culturais e informacionais em espaços de fluxos desterritorializados e desnacionalizados, as relações de poder



também mudaram de foco. Manuel Castells cita essas mudanças em “O Poder da Identidade”.

A nova forma de poder reside nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento. Este poder encontra-se na mente das pessoas. Por isso o poder na era da informação é a um só tempo identificável e difuso. (CASTELLS, 2008, p. 423)

Não existe mais, como se suponha, um único centro de poder, um núcleo de onde se emana toda a ordem das relações de controle, vigilância e dominação. O próprio Estado, antigo baluarte de controle da vida em sociedade, perdeu muito de seu papel regulador nas relações sociais. Foucault cita essa mudança na posição privilegiada do Estado central como mediador de poder.

O Estado não é ponto de partida necessário, o foco absoluto que estaria na origem de todo tipo de poder social (...) Foi muitas vezes fora dele que se instituíram as relações de poder (...) (FOUCAULT, 2009)

A principal questão que gira em torno das análises sobre essas relações de poder na era pós-moderna provavelmente está ligada ao fato de que hoje tais relações não só se exercem sobre os sujeitos sociais e suas identidades, mas também as tome como premissa de poder e vigilância. Isso pode ser observado nas análises de Foucault a respeito do papel dos indivíduos na construção das relações de poder nas sociedades modernas. Para ele, “a identidade é uma das primeiras produções de poder, desse tipo de poder que conhecemos em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2009).

Nos ambientes pós-modernos, portanto, além das transformações culturais que se processaram no interior das comunidades contemporâneas, já discutidas neste trabalho, operaram-se também relações sutis de controle e dominação que moldam não apenas o corpo e o comportamento dos indivíduos, mas também, e talvez sobretudo, a própria forma como estes vão criando suas representações simbólicas e criando a si mesmos como seres humanos. Foucault comenta isso em seus estudos sobre o poder capilar, aquele que se processa em âmbito micro-social:

A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na

história esta figura singular, individualizada, o homem, como produção de poder. (FOUCAULT, 2009)

Como não existe um centro fixo de poder nas culturas modernas, o controle social fica diluído a uma vasta multiplicidade de elementos e dispositivos de vigilância. Assim, a pluralidade de culturas na era pós-moderna se reflete na heterogeneidade do jogo de forças entre estruturas sociais distintas. Nesse jogo, os indivíduos não são mais meros objetos sobre os quais os mecanismos de dominação agem, tampouco núcleos de onde se irradia o poder. “Em outras palavras, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.” (FOUCAULT, 2009)

Em “Microfísica do Poder”, Foucault afirma que o poder se exerce em rede e, embora quando tenha afirmado isso a sociedade contemporânea ainda não tenha experimentado a intensidade de mudanças pelas quais passou nos últimos vinte anos, tal afirmação pode muito bem ser aplicada à realidade pós-moderna. Talvez esta afirmação nunca tenha sido tão atual quanto pode ser hoje ao passar por uma recontextualização.

Em uma época marcada pelo uso de tecnologias que quebraram as barreiras do espaço e do tempo, o poder circula, se movimenta pelas estruturas e instituições sociais, passa pelos indivíduos em uma malha de fluxos de controle e dominação que molda suas identidades e tolhe suas atitudes e seus corpos.

Nesse sentido, as tecnologias não só reforçaram os mecanismos de dominação social, mas ajudaram a forjar um novo tipo de sociedade: a sociedade do “Sorria, você está sendo filmado”. Um espaço de fluxo sociocultural marcado pelo uso intenso de dispositivos tecnológicos de controle e vigilância.

Esse novo aparato tecnológico, como afirma Manuel Castells (2008), está integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. Instrumentalidade que também se reflete nos mecanismos de dominação presentes nos espaços de interação social que integram os sujeitos conectados à Rede. Assim, os indivíduos podem fazer uso da tecnologia para criar novas relações de poder.

O surgimento da sociedade em rede (...) não pode ser entendido sem a interação entre essas duas tendências relativamente autônomas: O desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder. (CASTELLS, 2008, p. 98)

A internet, por exemplo, abre espaço para a movimentação virtual de identidades distintas e relações de controle e vigilância que se movimentam pelo



ambiente virtual em uma rede de poder que atinge diversos pontos e sujeitos conectados e integrados a uma mesma rede de interatividade. Assim, desloca-se o poder na medida em que os indivíduos são deslocados de suas localizações espaciais e realidades culturais.

Esses ambientes virtuais potencializam a oferta de dispositivos de controle e punição sobre os indivíduos que circulam dentro de suas esferas de poder. É muito comum, por exemplo, encontrar espaços de interação, como blogs e sites, com mecanismos específicos de vigilância que permitem que usuários e visitantes possam exercer poder, denunciando e reprimindo qualquer situação que julguem incorreta ou que vá de encontro ao que se estabeleceu socialmente e moralmente como certo.

Desta forma, os sujeitos transformam-se em vigilantes potenciais, capazes de punir socialmente indivíduos e comportamentos que não sejam condizentes com o que a moral da cultura que nasce na virtualidade das relações de poder desses ambientes estabeleça como aceitável.

O próprio ambiente fornece dispositivos por meio dos quais essa vigilância possa ocorrer. Existem botões específicos em muitas páginas da internet, inclusive nas chamadas redes sociais, como o Facebook, por exemplo, que possibilitam aos usuários denunciar conteúdos que agridam o conjunto de valores compartilhados pelos indivíduos que circulam nesses espaços. Neste sentido, “os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e sofrer sua ação.” (FOUCAULT, 2009)

Também nos espaços físicos é possível perceber as malhas de poder que circulam e que estabelecem dispositivos para controlar e, sobretudo, vigiar a todos nas sociedades pós-modernas. Nesses ambientes, a própria arquitetura urbana, por exemplo, como cita Foucault em “Microfísica do Poder”, é erigida de forma que possibilite a circulação do poder e o processo de vigilância sujeito a sujeito. “A arte de construir responde à necessidade de manifestar poder, a divindade, a força” (FOUCAULT, 2009).

Desta forma, as sociedades pós-modernas são construídas de modo que permitam a vigilância constante entre os indivíduos, não apenas para garantir que qualquer comportamento julgado inapropriado seja reprimido, mas também para garantir que nenhum sujeito escape ao controle dos outros e de si sobre si mesmo. “É preciso vigiá-los e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares” (FOUCAULT, 2009).

Entre os muitos exemplos que possam ser utilizados para exemplificar tal afirmação, pode-se citar a forma como os banheiros são construídos em espaços por onde passam grande quantidade de pessoas.

Nas universidades, empresas privadas e públicas, shoppings e escolas, por exemplo, o banheiro, que para os indivíduos sociais é um espaço carregado de simbologia, representando traços de sua intimidade, passa por transformações arquitetônicas que potencializam a capacidade de controle sobre sujeitos. Em muitos deles, as portas não cobrem totalmente os corpos dos usuários, o que pode gerar uma sensação de vigilância constante, inibindo seus comportamentos diante da possibilidade dos outros perceberem e reprimirem suas ações.

É importante notar, no entanto, que quando fala-se de uma vigilância que regula comportamentos e suprime corpos, fala-se também do fato de que ao exercer e sofrer ação de poder, os indivíduos pós-modernos estão agindo sobre os próprios sujeitos que criam após construir as identidades que os representam socialmente.

Embora a vigilância tenda a separar organismos e individualizar os sujeitos para exercer controle, corpo e identidade não são estruturas desvinculadas. Assim, o poder que age sobre o corpo também modifica as representações que os sujeitos têm de si mesmos e, conseqüentemente, as identidades que constroem a partir do aparato multicultural a que têm acesso na era pós-moderna.

3. Panoptico pós-moderno: o caso Big Brother

Ao analisar a estrutura arquitetônica dos presídios modernos em “Microfísica do Poder”, Foucault esboça um modelo de vigilância e controle que suprime corpos e mantém a todos sob constante observação, um modelo que forja e ao mesmo tempo nasce de uma sociedade disciplinar e não apenas penal; uma sociedade onde muito mais importante que a repressão é a necessidade da vigilância.

O *Panoptico*, modelo de prisão em que as celas estão dispostas circularmente, de maneira que os guardas em uma torre central têm visão perfeita de todas elas ao mesmo tempo, é a grande representação desta sociedade cuja principal característica é essa intensa observação e o forte controle sobre os indivíduos, seus corpos e, conseqüentemente, suas identidades. Ele é a representação máxima de como a estrutura social absorveu, e traduziu em sua arquitetura física e simbólica, os mecanismos de dominação presentes na vida cotidiana dos sujeitos sociais. Foucault cita isso em seus estudos no livro “Vigiar e Punir”.

“O Panoptico (...) permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle” (FOUCAULT, 1997, p. 170).

Na dita era pós-moderna, todo o aparato tecnológico e as novas realidades culturais e sociais, características deste período, potencializaram ainda mais os dispositivos de disciplinarização e o próprio ato da vigilância.

Nesse ambiente, como já foi dito, os próprios sujeitos exercem poder sobre si mesmos e sobre os outros ao seu redor, dando margem a uma sociedade que se desenvolve sob o signo da disciplina e da observação, uma sociedade que não é senão uma verdadeira representação *panóptica* de controle. Forja-se uma espécie de inspetor, onividente, onipresente, e ao mesmo tempo inexistente, que toma forma de um “grande olho”, um olho que a todos enxerga para manter a circulação do poder.

Na pós-modernidade, esse ser que a todos vigia pode ser apreendido a partir do que George Orwell, em seu romance fictício “1984”, chama de *Big Brother*, ou *Grande Irmão*. Em sua obra literária, Orwell cita uma sociedade cujos membros estão sob constante vigilância por meio de *Teletelas*, ou *Telescreens*, um tipo de tecnologia de comunicação semelhante a câmeras de vídeo que os observam a todo instante, ou seja, uma sociedade que se traduz na verdade como um grande *Panoptico*.

Embora a obra supracitada seja uma ficção, é claro, é inegável o fato de que muito do que se relata na história de Orwell está fortemente presente nas relações de poder e dominação que permeiam a sociedade pós-moderna atual. O programa de televisão *Big Brother*, por exemplo, criado em 1999 por John de Mol, na Holanda e reproduzido em dezenas de países, simboliza de maneira clara uma situação que perpassa o campo do ilusório ou fictício, atingindo em cheio a realidade pós-moderna das redes de poder.

Com o objetivo de expor traços da vida real em um espetáculo televisivo, criando, ou tentando criar, um verdadeiro show da realidade tal qual ela é, um *Reality Show*, a ideia do programa é confinar pessoas de gostos relativamente semelhantes que são vigiadas a todo tempo, o tempo todo.

Esses indivíduos estão sob forte mecanismo de dominação. São intensamente vigiados pelo público, pela produção do programa, pelo esquema do jogo,

da competição, pelos outros participantes e por si mesmos, tentando forjar ou mostrar modos de ser, pensar e agir que demonstrem veracidade para quem assiste.

Convivendo em uma casa, um espaço geográfico relativamente pequeno, os participantes dessa produção televisiva, portanto, são constantemente bombardeados pelas redes de poder que se formam a partir da relação com o público telespectador do programa e da própria rede de poderes que se estabelece com a convivência em grupo. Os próprios indivíduos são estimulados pela situação do “jogo”, que vale milhões, a exercerem poder e vigilância sobre si mesmos e sobre os outros, moldando seus corpos, seus comportamentos e, por conseguinte, suas próprias identidades enquanto participantes da competição, ou mesmo enquanto sujeitos sociais. Como diria Foucault (1997, p. 170), “O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas”.

Desta forma, a ideia do Big Brother na verdade traduz, de alguma maneira, a própria situação das redes de poder na sociedade do “Sorria, você está sendo filmado”, ou de uma sociedade pós-moderna que funciona aos moldes de um verdadeiro *Panoptico*, pretendendo visualizar amplamente tudo o que está sob seus domínios. Nessa experiência, os próprios indivíduos dotados de identidade social, portanto sujeitos, são parte dessa estrutura social *Panoptica*, tanto como membros passivos de disciplinarização, como sujeitos agentes no processo de controle e vigilância social.

Considerações finais

As sociedades pós-modernas, como discutido neste trabalho, estão em constante transformação, criando realidades distintas e sujeitos que se integram, mesmo em um ambiente marcado pela desintegração das estruturas tradicionais de poder e de cultura.

A globalização dos fluxos de informação e vigilância, a um só tempo, forjou novos indivíduos que vivem e se relacionam sob o signo de uma pseudo liberdade, impulsionada pela capacidade de comunicação global entre os sujeitos em rede, e a repressão de comportamentos e corpos sob a perspectiva de dominação presente nas malhas de poder que se cruzam socialmente.

Esses dispositivos de vigilância moldam as identidades dos corpos sociais que sofrem e exercem poder nas chamadas culturas pós-modernas. Nelas, o olhar, como afirma Foucault (2009, p. 219), constitui-se na grande arma de controle e repressão



sobre os indivíduos. “Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar [...]”.

É justamente desse processo de interiorização de poder que os indivíduos, enquanto sujeitos, vão construindo suas representações e ao mesmo tempo vão minando as próprias bases da vigilância que operam uns sobre os outros e sobre si mesmos. Como tudo, ou quase tudo na pós-modernidade, também dentro das relações de poder surgem as contradições que deslocam o sentido do controle social e criam sentimentos de resistência por parte dos sujeitos, a fim de quebrar o jogo de forças que agem sobre eles, como um participante de um *Relity Show*, tal qual o *Big Brother*, que se aproveita de todo o aparato de vigilância que o cerca para criar e passar uma dada imagem que atenda às exigências do público que o assiste. Foucault fala cita isso em “Vigiar e Punir”.

“Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmas; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis: torna-se o princípio da sua própria sujeição” (FOUCAUT, 1997, P. 168).

O fato do poder está cada vez mais presente na vida dos indivíduos pós-modernos não significa que estes, no entanto, não possam criar meios para bloquear a rede de vigilância na qual estão inseridos. Também são constantes as formas de resistência e contrapoder que se processam no interior da rede de dominação que circula nas relações sociais. De acordo com Foucault (1988, p. 91), se o poder existe numa rede vasta e multiforme de relações, os pontos de resistência também se apresentam como multiplicidade ou como “focos”.

Nesses espaços pós-modernos, poder e resistência moldam a forma como os sujeitos passam a se enxergar e o modo como enxergam, nos outros, traços de representações que criam a partir das interações culturais dominadas por uma sociedade cuja grande característica é a junção decisiva entre sujeito e identidade e entre poder e vigilância. É a partir dessas interações que emergem identidades sociais radicalmente novas, pelas quais passam poder e toda a heterogeneidade da cultura pós-moderna.

Neste sentido, o presente artigo, como foi citado no início, propôs-se a lançar uma nova perspectiva a respeito da forma como os mecanismos de controle e vigilância das redes de poder, que perpassam a cultura pós-moderna, atingem diretamente o processo de criação e transformação das identidades sociais, entendendo que muito ainda falta a ser pesquisado sobre o tema, especialmente por se tratar de um



assunto que ainda está em vias de acontecimento durante um período absolutamente recente para a história humana.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

TOURAINE, Alain. “A formação do sujeito”, em Castells (2008), p. 26.